

«a nossa luta, por mais difícil que seja,  
é uma luta em prol dos interesses  
da classe operária, do povo português,  
da nossa Pátria»



**OCTÁVIO PATO**

1925 | 2025

# Uma vida de luta pela liberdade, com os trabalhadores e o povo

**O**ctávio Floriano Rodrigues Pato nasceu a 1 de Abril de 1925, em São João dos Montes, Vila Franca de Xira.

Ainda em criança foi viver para Vila Franca de Xira. Aos 14 anos, começou a trabalhar numa sapataria.



Durante a sua prisão em Peniche. 1969



Com um grupo de jovens de Vila Franca de Xira criou o jornal manuscrito *Querer é Poder*.

Membro da Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas desde 1940, com 15 anos e do Partido Comunista Português desde 1941.

Foi membro do Comité Local de Vila Franca de Xira e do Comité Regional do Baixo Ribatejo.

Participou na preparação e organização das greves de 8 e 9 de Maio de 1944 e na organização da solidariedade aos grevistas e famílias.

Funcionário do PCP desde 1945. Na clandestinidade utilizou os pseudónimos «Melo» e «Frazão».

Foi responsável, com outros jovens comunistas, pela criação e dinamização do MUD Juvenil, de cuja Comissão Central fez parte em 1946.

Foi responsável pelo trabalho de juventude e pelas tipografias centrais. Teve tarefas nas Organizações Regionais de Lisboa, Norte e Sul e na redacção do *Avante!*.

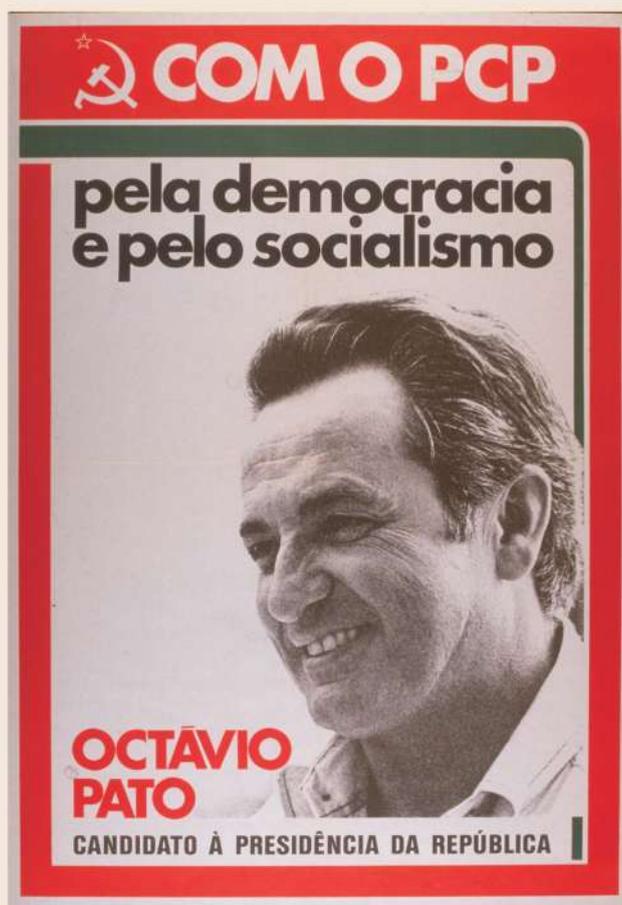
Foi preso a 15 de Dezembro de 1961, tendo sido brutalmente torturado.

Foi libertado a 23 de Novembro de 1970, após uma intensa campanha de solidariedade, com expressão internacional.

Após alguns meses em Vila Franca de Xira, voltou à clandestinidade.

Fez parte da delegação de dirigentes do Partido que reuniu com a Junta de Salvação Nacional no dia 28 de Abril de 1974.

Membro do Comité Central do PCP desde 1949, como suplente e como efectivo desde 1951.



Foi membro do Secretariado do Comité Central de 1952 até ao seu falecimento, da Comissão Executiva de 1972 a 1974, da Comissão Política entre 1974 e 1988 e da Comissão Central de Controlo e Quadros de 1988 a 1992.



Foi candidato à Presidência da República em 1976.

Foi deputado à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República entre 1976 a 1991.

Faleceu no dia 19 de Fevereiro de 1999.



1 – Octávio Pato durante a clandestinidade em 1958.

2 – Após a libertação do Forte de Peniche em 1970.

3 – Com os seus filhos.

Da esquerda para a direita: Isabel, Álvaro, Ana, Rui e João. Pátio Alfacinha, Lisboa, 1990.

# Intensa actividade em múltiplas frentes

**N**a década de 1930, período de plena escensão das forças nazi-fascistas e de institucionalização do fascismo em Portugal, a classe operária do concelho de Vila Franca de Xira havia já atingido um grau de consciência social e de classe que possibilitou o desenvolvimento de importantes lutas.

Foi neste ambiente social que Octávio Pato cresceu. Com outros jovens criou o jornal manuscrito *Querer é Poder*, que circulava de mão em mão. O irmão, Carlos Pato, mostrou este jornal a António Dias Lourenço, o que veio a contribuir para a sua entrada na Federação das Juventudes Comunistas em 1940 e, um ano depois, no Partido Comunista Português.

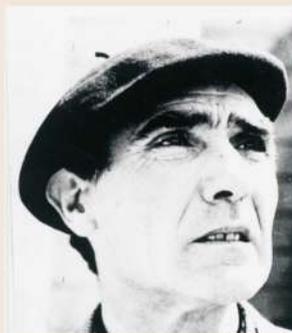


Vila Franca de Xira, anos 1940



Liboa, anos 1940. Filas de racionamento.

No Partido, conviveu com protagonistas do movimento neo-realista, nomeadamente com Soeiro Pereira Gomes e Alves Redol. Neste período realizaram-se os chamados «passeios no Tejo» em que intelectuais se juntavam para discutir a situação política e social longe dos olhares da polícia.



Alves Redol



Soeiro Pereira Gomes



«Passeios no Tejo». Em primeiro plano – Alves Redol.



Octávio Pato no «Operário Vilafranquense». Primeiro à direita na primeira fila.



A paixão pelo futebol entrou cedo na vida de Octávio Pato. Jogou nos juniores do Operário Vilafranquense, depois nas reservas, chegando às primeiras categorias e por convite do Benfica, chegou à sua equipa de juniores. Porém a sua intensa actividade política levou-o a deixar a prática desportiva.

Logo a seguir à Guerra de Espanha e no decorrer da 2ª Guerra Mundial os géneros rareavam, o custo de vida subia, a exploração sobre os trabalhadores era intensa. Octávio Pato esteve nesse trabalho intenso e constante, nomeadamente na preparação das grandes greves de 8 e 9 de Maio de 1944, com a tarefa de mobilização dos assalariados agrícolas das lezírias do Tejo e foi o responsável pela preparação atempada da solidariedade com as famílias de eventuais presos resultantes da luta.



Arquivo do Centro de Documentação e Informação do S.L. Benfica

Fruto desta intensa actividade, foi-lhe proposta a passagem à clandestinidade: *“passei à clandestinidade em 1945, decorrido pouco mais de um ano sobre as greves de 8 e 9 de maio. A passagem à clandestinidade é um momento importante para a vida de um comunista, daquelas fases da vida revolucionária que qualquer militante jamais poderá esquecer (...) em Lisboa fiquei em contacto com as organizações das juventudes comunistas, quer de estudantes, quer de operários e empregados.”*

Assumi destacado papel na organização e iniciativa do MUD Juvenil, em 1946. Entre outras tarefas teve responsabilidade pela organização do trabalho de juventude na década de 1970.



Enquanto dirigente do Partido, foi responsável pelas tipografias centrais, garantindo a edição do *Avante!* e de *O Militante* e participou na sua redação, sendo da sua autoria os textos que marcam a primeira página do último número do *Avante!* clandestino, com os títulos «Aliar à luta antifascista os patriotas das forças armadas» e «Não dar tréguas ao fascismo».

Octávio Pato integrou o Comité Central do Partido desde 1949, quando era membro da Direcção da Organização Regional de Lisboa. Em 1949 Octávio Pato foi destacado para o Norte, juntamente com Pires Jorge, numa altura em que a situação se tornara extremamente difícil após a prisão de Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro. Teve, posteriormente, tarefas de organização na Direcção Regional do Sul.



# Protagonista do trabalho junto da juventude

**N**a primeira metade da década de 1940, o trabalho do Partido junto dos jovens, através da Federação das Juventudes Comunistas, não acompanhava o crescimento orgânico e o prestígio que o Partido alcançava junto dos trabalhadores, do povo e de outras camadas.

No início de 1946, na sequência da vitória das forças democráticas na 2ª Guerra Mundial, foi decidido pelo PCP destacar os seus quadros jovens para a criação de uma organização unitária no âmbito do MUD, surgindo assim o MUD Juvenil. Octávio Pato foi também destacado pela direcção do PCP para nele desempenhar tarefas de direcção, fazendo parte da Comissão Central do MUD Juvenil até 1947.

Com esta nova orientação de trabalho, em 1947, apenas um ano depois da sua criação, o MUD Juvenil contava com mais de vinte mil aderentes. Nesse ano, em Março, a realização da «semana da juventude» será um marco na história da luta antifascista.



Nas universidades, os estudantes desenvolveram intensa actividade associativa e promoveram as primeiras eleições de associações de estudantes que procuraram – de facto – representá-los. A juventude trabalhadora deu um importante contributo nas lutas operárias, e destacado papel na luta contra a guerra colonial.



Octávio Pato voltou a ter um destacado papel no trabalho do Partido junto dos jovens, através da ligação que fez às estruturas clandestinas criadas no período final da ditadura, o Movimento da Juventude Trabalhadora e a União dos Estudantes Comunistas. E após o 25 de Abril à UJC – União da Juventude Comunista, fundada em 2 de Março de 1975.



O PCP, face a este sucesso, decidiu no seu IV Congresso extinguir a FJCP. Em Junho de 1947, numa reunião do Comité Central, Álvaro Cunhal dirá que a criação do MUD Juvenil *“constitui pelo que é e pelas perspectivas imediatas que se lhe oferecem, o mais importante movimento de massas juvenil jamais existente no nosso país”*.

Pelo MUD Juvenil passaram dezenas de jovens que viriam a ter um papel destacado na luta antifascista e na construção do Portugal de Abril. Apesar do aumento da repressão e do limbo legal em que actuava (a sua acção decorreu sempre de forma “semi-legal”) o MUD Juvenil conseguiu ser a única organização de massas juvenil com acção consequente, contrastando com as organizações oficiais de juventude, que o regime fascista obrigava os jovens a frequentar.







Disfarces de Octávio Pato

Nos quatro meses que passou no Aljube, Octávio Pato não teve acesso a nenhuma leitura e os bonecos ou bolas em pão que fazia para ocupar o tempo lhe foram retirados pelos carcereiros. Estes tudo faziam para que os presos não ocupassem o tempo, com o objectivo de levá-los à desmoralização e até mesmo à loucura.

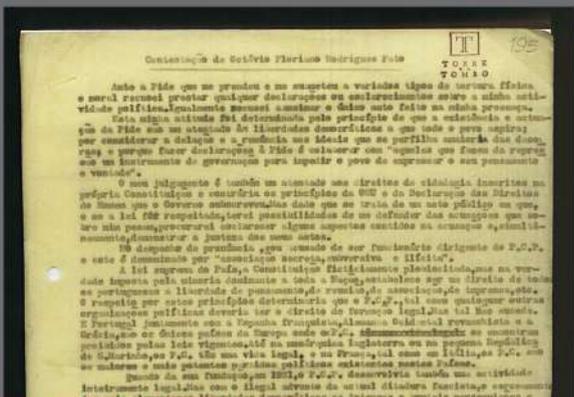
Octávio Pato fez do seu julgamento, em que viria a ser condenado a oito anos e seis meses de prisão, seguidos de medidas de segurança (que significavam que só sairia da prisão quando a PIDE entendesse), não só uma denúncia da brutalidade do regime fascista mas, também, um manifesto da razão da existência do Partido Comunista Português, do seu papel e projecto de derrube da ditadura e da instauração em Portugal da liberdade e democracia e de confiança nas capacidades da classe operária e do povo na conquista do seu futuro.



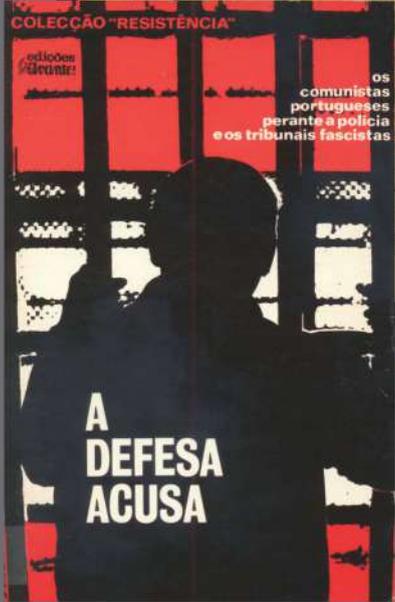
Cadeia do Aljube, Lisboa

Para a sua libertação muito contribuiu uma importante campanha de solidariedade e de exigência da sua libertação, que teve consideráveis repercussões internacionais.

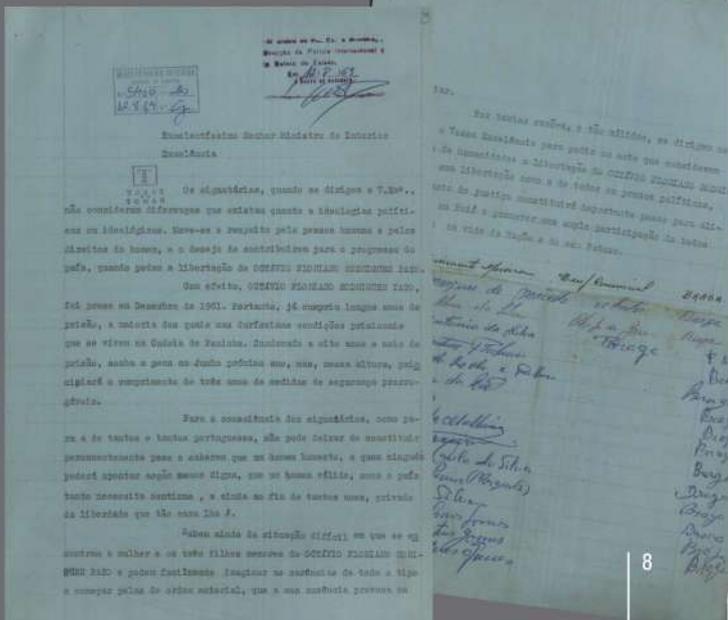
Libertado finalmente a 23 de Novembro de 1970, regressou pouco depois ao combate, como funcionário do Partido, novamente na clandestinidade. No dia 25 de Abril de 1974 encontrava-se numa reunião da Comissão Executiva do Partido, no Porto.



Tribunal da Boa Hora (Tribunal plenário)



os comunistas portugueses perante a polícia e os tribunais fascistas



# A Revolução de Abril a luta pela liberdade e pelo progresso social



**D**e 25 de Abril de 1974 até aos últimos momentos da sua vida, Octávio Pato com o seu exaltante percurso de revolucionário e de comunista, teve uma contribuição dinâmica, empenhada e audaciosa para assegurar de forma criativa a passagem do PCP, que vinha da clandestinidade, para um grande Partido de massas, dando uma incomparável contribuição para o processo de democratização da vida nacional, ao mesmo tempo que respondia com êxito às tarefas da estruturação nacional do Partido, ao reforço da sua organização e com intervenção nas mais diversas áreas da sociedade portuguesa.

Logo no dia 28 de Abril de 1974, Octávio Pato integrou uma delegação do Comité Central do PCP que foi ao Palácio da Cova da Moura falar com os representantes da Junta de Salvação Nacional. Nas suas palavras, *"a ideia de que ficámos nessa altura foi que o ex-general Spínola não simpatizava nada connosco, mas não tinha outro remédio senão tomar na devida conta a existência e a força do nosso Partido... Lutámos imediatamente para que o 1º de Maio fosse feriado e se pudessem fazer pela primeira vez grandes manifestações na mais ampla liberdade e esta foi uma das reivindicações que apresentámos à Junta de Salvação Nacional e ao próprio Spínola... assim como irmos à Televisão na véspera do 1º de Maio apelar para a classe operária, para todo o povo português, no sentido de transformar o 1º de Maio numa grande manifestação de combate e unidade."*

Octávio Pato foi entrevistado pela RTP, no dia 30 de Abril. Nesta entrevista fez um forte apelo à participação das massas populares no 1º de Maio.

No VII Congresso (Extraordinário) do PCP em Outubro de 1974, Octávio Pato apresentou um relatório sobre a composição dos organismos dirigentes do Partido.

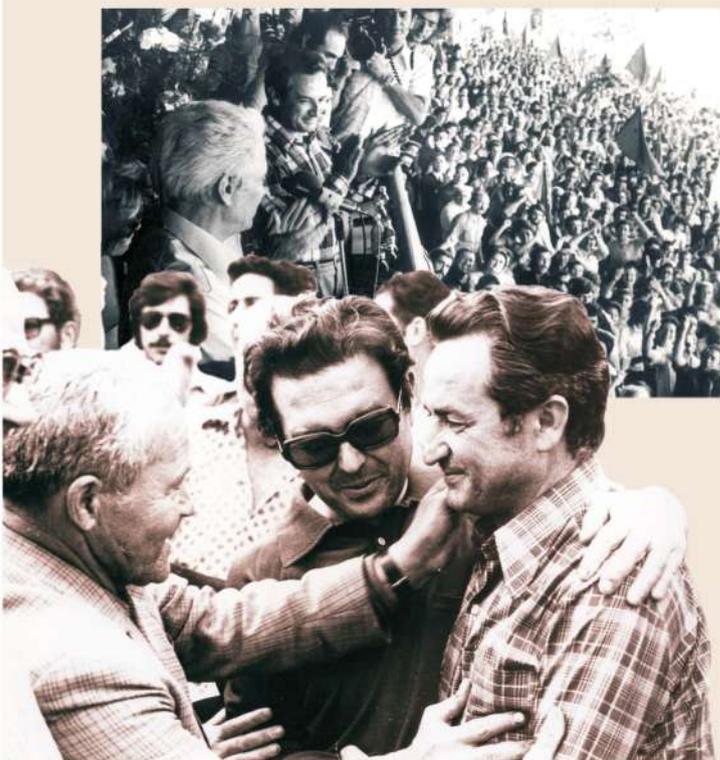


Manifestação do 1º de Maio de 1974 em Vila Franca de Xira. Ao centro: Octávio Pato e Dias Lourenço.



No dia 26 de Dezembro de 1974, Octávio Pato integrou a delegação dirigida por Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido e composta também por Sérgio Vilarigues do Secretariado do Comité Central, Dias Lourenço da Comissão Política, Pedro Soares do Comité Central, e por Lopes de Almeida, advogado, que fez a entrega, no Supremo Tribunal de Justiça, de toda a documentação exigida para a formalização da legalização do PCP, o primeiro partido a fazê-lo.

Após décadas de acção clandestina e perseguição, a revolução de Abril permitiu a acção legal do Partido Comunista Português.



# A luta pela democracia e em defesa do regime democrático



Octávio Pato foi deputado e Porta Voz (equivalente hoje a Presidente) do Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia Constituinte eleita a 25 de Abril de 1975.

No dia da aprovação e promulgação da Constituição, 2 de Abril de 1976, Octávio Pato declarou da tribuna da Assembleia que *“Com a promulgação da Constituição inicia-se um novo ciclo da história do nosso país. A partir de hoje o povo português passará a ter na Constituição um valioso instrumento, que deve tomar nas suas mãos, para o defender e utilizar na luta pela consolidação da democracia e das conquistas fundamentais da Revolução. A defesa da Constituição que será hoje promulgada, é uma tarefa que se põe já hoje a todos os portugueses que amam a democracia e querem libertar Portugal dos monopólios e da tutela imperialista, a todos os que anseiam pelo progresso social e cultural, a todos os que aspiram encaminhar o país na via da independência nacional e do socialismo.”*

O PCP decidiu promover uma candidatura às eleições para a Presidência da República de 27 de Junho de 1976, as primeiras realizadas em liberdade. Foi Octávio Pato que personificou esta decisão. Esta candidatura, digna e séria, dirigia-se ao povo, recusando a demagogia e as polémicas divisionistas. Afirmava-se como a candidatura mais segura, com um programa claro, confiante e solidária com as aspirações democráticas e populares.

A Declaração de Princípios da candidatura de Octávio Pato afirmava: *“Nas condições existentes em Portugal, não se poderá construir uma democracia política se não for ao mesmo tempo construída a democracia económica, social e cultural, na base de princípios de igualdade e justiça social (...) a campanha da minha candidatura será, por isso, animada por um espírito construtivo e unitário, pela finalidade de ser uma contribuição positiva para a solução dos problemas nacionais.”*

Grandes manifestações de carinho foram uma constante por todo o país à volta de Octávio Pato na sua campanha para as eleições presidenciais. A candidatura, com uma determinante componente de massas, levou a voz do Partido e o esclarecimento a todo o país, na defesa da Revolução de Abril.



Na candidatura de Octávio Pato à Presidência da República, foram marcantes os grandes comícios, as centenas de trabalhadores das artes e letras que lhe deram apoio e os trabalhadores nas empresas que criaram comissões de apoio através das quais milhares de mulheres e homens se empenharam na campanha.

Octávio Pato foi deputado à Assembleia da República de 1976 a 1991.

Após o 25 de Abril de 1974, entre outras tarefas decorrentes das suas responsabilidades como membro do Secretariado, da Comissão Política e da CCC, foi responsável pela Organização Regional de Lisboa.



# Dirigente comunista uma vida de coragem, dedicada à causa revolucionária

Comemorar os cem anos do comunista Octávio Pato é homenagear toda uma vida de entrega ao seu Partido, o Partido Comunista Português e à causa da luta libertadora dos trabalhadores e do povo pela democracia, pelo socialismo e pelo comunismo.

O seu percurso de comunista e revolucionário está intimamente ligado à história do PCP, com um exemplar património de intervenção e de luta ao longo de mais de 58 anos da sua vida, com coragem e persistência, firmeza política e ideológica, assumindo exigentes e por vezes difíceis tarefas e responsabilidades ao nível da direcção do PCP.



**Foi um incansável construtor do Partido, pelo seu enraizamento na classe operária e nos trabalhadores. O seu exemplo de figura da resistência e combate ao fascismo, de entrega e dedicação na construção do regime democrático saído da revolução de Abril prevalece e projecta-se na actualidade.**



No IX Congresso:

*«Promover quadros não é destacar palradores mas homens e mulheres e jovens que se distinguem nos seus locais de trabalho ou frentes de luta pelo seu espírito de classe, pela sua combatividade, honestidade, modéstia e capacidade.»*



*«A grande força e os sucessos do Partido provêm da sua justa linha política, da sua profunda vinculação aos interesses nacionais, da sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, provêm da justa associação do centralismo democrático com a mais ampla democracia interna, da elaboração colectiva da sua orientação e tarefas, da existência entre todos os militantes de uma ampla fraternidade revolucionária e, a juntar a tudo isso, a maior de todas as riquezas do Partido, a riqueza de termos milhares e milhares de militantes profundamente devotados aos interesses da classe operária e de todos os trabalhadores, aos interesses de todo o povo e às conquistas do Portugal de Abril.»*



No XIV Congresso:

*«É neste grande e riquíssimo colectivo humano que se alicerça a nossa força, uma força insubstituível na luta dos trabalhadores e de todas as camadas sociais que aspiram a um Portugal democrático, independente e socialista.»*



Em cima, da esquerda para a direita:  
**Jaime Serra, Sérgio Vilarigues e António Dias Lourenço.**

Em baixo, da esquerda para a direita:  
**Octávio Pato, Álvaro Cunhal, José Vitoriano, Joaquim Gomes, Fernando Blanqui Teixeira.**

Foto de Eduardo Gageiro, 1998.

Publicada pela 1ª vez no «Avante!» em 22 de Abril de 1999



**Partido Comunista Português**